

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Arroz e Feijão
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 297

O Papel das Mulheres no Desenvolvimento Rural Sustentável do Projeto de Assentamento Cachoeira Bonita: P.A. Cachoeira Bonita - Mulheres Reais

Agostinho Dirceu Didonet

Embrapa Arroz e Feijão
Santo Antônio de Goiás, GO
2014

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Arroz e Feijão

Rod. GO 462, Km 12, Zona Rural
Caixa Postal 179
75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO
Fone: (0xx62) 3533 2110
Fax: (0xx62) 3533 2123
www.cnpaf.embrapa.br
cnpaf.sac@embrapa.br

Comitê de Publicações

Presidente: *Pedro Marques da Silveira*
Secretário-Executivo: *Luiz Roberto Rocha da Silva*
Membros: *Camilla Souza de Oliveira*
Luciene Fróes Camarano de Oliveira
Flávia Rabelo Barbosa Moreira
Ana Lúcia Delalibera de Faria
Heloisa Célis de Paiva Bresegħello
Márcia Gonzaga de Castro Oliveira
Fábio Fernandes Noléto

Supervisão editorial: *Luiz Roberto Rocha da Silva*

Revisão de texto: *Camilla Souza de Oliveira*

Normalização bibliográfica: *Ana Lúcia D. de Faria*

Editoração eletrônica: *Fabiano Severino*

1^a edição

Versão online (2014)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Arroz e Feijão

Didonet, Agostinho Dirceu.

O papel das mulheres no desenvolvimento rural sustentável do Projeto de Assentamento Cachoeira Bonita : P.A. Cachoeira Bonita - mulheres reais [recurso eletrônico] / Agostinho Dirceu Didonet. – Santo Antônio de Goiás : Embrapa Arroz e Feijão, 2014.

1 DVD (5 min), son., color. - (Documentos / Embrapa Arroz e Feijão, ISSN 1678-9644 ; 297)

1. Mulher rural – Assentamento – Caiapônia - Goiás. 2. Comunidade rural.
I. Título. II. Embrapa Arroz e Feijão. III. Série.

CDD 307.72 (21. ed.)

© Embrapa 2014

Autores

Agostinho Dirceu Didonet

Engenheiro-agrônomo, doutor em Fisiologia
Vegetal, pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão,
Santo Antônio de Goiás, GO,
agostinho.didonet@embrapa.br

Apresentação

O desenvolvimento rural sustentável em comunidades rurais não pode ser visto somente como o resultado de ganhos econômicos, mas sim como um conjunto de fatores que além de agregar valor, agrega qualidade de vida, inclusão social, bem-estar, reconhecimento, dignidade e oportunidade de valorização de pessoas. Neste contexto, é preciso reconhecer e destacar o papel executado pelas mulheres do Projeto de Assentamento Cachoeira Bonita, localizado em Caiapônia, Estado de Goiás, no desenvolvimento da comunidade do assentamento. O protagonismo dessas mulheres na busca de alternativas de melhoria de vida de sua família resultou na organização da comunidade, na capacidade de assumir, valorizar e participar ativamente na geração de renda da família.

Este documento busca destacar o papel dessas mulheres que além de cumprirem suas atividades e tarefas rotineiras ligadas ao dia a dia da unidade familiar, conseguiram envolver a comunidade do assentamento, criando oportunidades de melhoria na qualidade de vida não só de seus familiares, mas também de toda a comunidade.

O Autor

Sumário

Introdução	9
Video: PA Cachoeira Bonita: Mulheres Reais	13

O Papel das Mulheres no Desenvolvimento Rural Sustentável do Projeto de Assentamento Cachoeira Bonita: P.A. Cachoeira Bonita - Mulheres Reais

Agostinho Dirceu Didonet

Introdução

Promover o desenvolvimento sustentável, agregando renda e autoestima aos assentados do Projeto de Assentamento (PA) Cachoeira Bonita, situado no Município de Caiapônia, GO, foi e continua sendo um grande desafio. Tal desafio se torna ainda maior quando se leva em consideração a origem dos assentados, que em sua grande maioria trazem pouca ou nenhuma experiência em agricultura e produção agropecuária. Somam-se, ainda, a isso as precárias condições de produção disponibilizadas inicialmente aos assentados por ocasião da tomada de posse de seus lotes.

As alternativas para tentar atingir este objetivo foram todas determinadas com base em tecnologias que possibilitaram aumentar a capacidade técnica dos assentados e no incentivo ao acesso destes as políticas públicas de desenvolvimento local por meio, basicamente, de dois programas: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Neste sentido, procurou-se promover a construção participativa de novas alternativas de obtenção de renda nas unidades de produção, buscando sempre esclarecer a importância desta diversificação para a melhoria de vida e do consumo das famílias. Tais alternativas foram

sempre vistas pelos assentados como alternativas realmente viáveis para promover a melhoria na renda, no bem-estar e na autoestima das suas famílias. Optou-se por promover e incentivar a participação dos assentados nas discussões, capacitações, palestras e oficinas, para a construção conjunta destas alternativas, sempre levando em consideração as potencialidades das pessoas e os recursos locais (ambientais, sociais e econômicos) disponíveis.

Inicialmente buscou-se promover a melhora na eficiência técnica da produção, incentivando os assentados a utilizarem e adaptarem essas tecnologias sempre com a finalidade de diversificar as fontes de geração e agregação de renda na unidade produtiva. O incentivo e a possibilidade de acesso a políticas públicas foram vistos também como uma forma eficaz de promover o desenvolvimento local, gerando novas formas de cooperação e arranjo entre os diferentes segmentos da sociedade local, além de abrir possibilidades de comercialização de novos produtos. O incremento ao acesso a mercados locais por meio de feiras de produtores, programas de aquisição de alimentos e merenda escolar possibilitaram aos assentados uma nova forma de comercialização e de mercado para produtos que antes eram cultivados e produzidos somente para o consumo na unidade produtiva. Produtos minimamente processados, tradicionalmente produzidos para consumo próprio e que são parte da cultura e dos costumes locais e regionais e que eram pouco valorizados e até desconsiderados, passaram a gerar renda e a ser classificados como produtos locais. Feiras livres urbanas na sede do município, venda direta aos consumidores, venda nas residências, comercialização na propriedade, venda para bares e restaurantes e supermercados passaram a ser canais de comercialização que foram paulatinamente construídos pelos próprios assentados e que geraram fortes elos entre os consumidores e os produtos oferecidos. O aprimoramento e o fortalecimento dessas relações entre assentados produtores e consumidores, gerando confiança entre ambos, têm forçado a cooperação entre os assentados, bem como uma organização e gestão formal ou informal do processo de produção de produtos destinados aos consumidores urbanos. Tais

feiras de produtores também se tornaram local de interação e troca de experiências entre os produtores assentados e a comunidade local, no sentido de construção de relações sociais e econômicas, que são levadas em consideração no planejamento da oferta de produtos e na forma de produção.

É nesta situação que as relações de gênero são contextualizadas, uma vez que as mulheres começam a ter espaço ampliado no sistema produtivo da unidade familiar. Neste momento, elas deixam de produzir com o seu trabalho somente para o consumo da família, passando a ter a oportunidade de comercializar o excedente, gerando um acréscimo significativo de renda. Assim, o trabalho produtivo executado predominantemente pelas mulheres e voltado para o autoconsumo passa a ser também um trabalho produtivo capaz de gerar renda, tarefa que até então era de competência masculina. Às atividades típicas das mulheres na sua labuta nos quintais em volta da casa, no cultivo de hortaliças, frutas, criações de pequenos animais, nos cuidados com a casa e com os afazeres domésticos em geral foram acrescentadas também a tarefa e a responsabilidade de gerar renda com os produtos deste trabalho. Este trabalho que sempre foi considerado como uma “ajuda” ao trabalho masculino, pois não gerava renda ou produtos destinados ao comércio, passa a ser uma segunda ou terceira importante fonte de renda. Tal renda está fazendo com que os produtos produzidos e comercializados a partir do trabalho masculino originem uma espécie de poupança a ser guardada para a realização de algum “sonho de consumo” familiar, como a reforma da casa, investimentos na produção e até em lazer e outros itens de consumo. No caso do assentamento, apesar da sua inquestionável importância, o leite deixou de ser a única fonte de receita da família. Isso pode ser visto quando se comparam os levantamentos efetuados em 2009 e 2013: nota-se neste último ano uma sensível redução na entrega de leite resfriado e na sua comercialização “in natura”. Tais dados, juntamente com a constatação da melhoria na renda e na qualidade de vida das unidades produtivas do assentamento não deixam dúvidas de que o leite deixou de ser a única fonte de renda familiar. Vale ressaltar que a atividade relacionada à produção do leite,

desde a ordenha ao manejo dos animais, continua sendo atividade quase que exclusivamente masculina.

Outro aspecto importante que se sobressaiu com a inserção das mulheres assentadas ao comércio local foi a melhora na alimentação da família, no sentido da qualidade dos produtos; na sua grande maioria cultivada “sem veneno” como é dito, e também na diversificação dos componentes da “mistura”. Assim, os mesmos produtos vendidos no comércio também passaram a fazer parte do cardápio do dia a dia, melhorando a olhos vistos a segurança alimentar e nutricional das famílias dos assentados. Em alguns casos, houve e há espaço para agregar também algumas receitas tradicionais de conhecimento das mulheres dos assentados, que também são oferecidas e comercializadas, mediante encomenda, em algumas festividades que ocorrem no município. São pratos típicos da culinária tradicional e, em geral, a receita é preparada no local, pelas próprias assentadas.

Finalmente, a melhoria na renda, no bem-estar e na autoestima das famílias dos assentados não seria possível sem a influência das mulheres no engajamento para a diversificação da renda familiar. Na verdade, nada disso teria acontecido se as mulheres não tivessem o senso de importância da organização, tanto de suas atividades rotineiras, quanto em todas as atividades que envolvem a produção de produtos considerados “marginais” e que agora são reconhecidos como geradores de renda para a unidade produtiva. Na maioria das vezes, quando as atividades das mulheres passaram a ser importantes para a família, houve uma maior participação masculina nas atividades antes somente executadas pelas mulheres, invertendo de certa maneira o papel de “ajudante”, anteriormente executado pelas mulheres. A arrecadação dos produtos, a organização das feiras, a negociação com os consumidores e compradores, a entrega dos mesmos na cidade, os mutirões para “organizar” os quintais somente foram conseguidos pelas famílias a partir do protagonismo das mulheres na organização das associações e das cooperativas.

**Clique na imagem abaixo para reproduzir o vídeo:
PA Cachoeira Bonita: Mulheres Reais**

ou copie o link e cole no seu navegador:
<http://www.youtube.com/watch?v=3K1pliuwblg>